

A TOPONIMIZAÇÃO DE TERMOS GEOGRÁFICOS GENÉRICOS: NOMES DE MUNICÍPIOS BRASILEIROS

TOPONIMIZACIÓN DE TÉRMINOS GEOGRÁFICOS GENÉRICOS: NOMBRES DE
MUNICIPIOS BRASILEÑOS

THE TOPONYMIZATION OF GENERIC GEOGRAPHICAL TERMS: NAMES OF BRAZILIAN
MUNICIPALITIES

Marilze Tavares*

Universidade Federal da Grande Dourados

Anna Carolina Chierotti dos Santos Ananias**

Universidade Estadual do Paraná

RESUMO: O estudo tem como objetivo geral apresentar uma análise dos nomes dos municípios formados a partir de um item lexical comum considerado termo geográfico genérico relativo a acidente físico ou humano. O *corpus* examinado foi composto de 810 nomes extraídos da lista de topônimos de municípios disponibilizada pelo IBGE. As reflexões teórico-metodológicas que fundamentam o trabalho são, especialmente, as de Dauzat (1947), Dick (1990a, 1990b) e Trapero (1995). Como exemplo de resultados obtidos, citam-se os seguintes: esse tipo de nomeação está distribuído de forma relativamente equilibrada pelo Brasil, sendo um pouco mais frequente na Região Norte; os termos genéricos geográficos que mais resultam em topônimos são *rio*, *campo* e *lagoa* (dentre os de acidentes físicos); *porto*, *vila* e *jardim* (dentre os de acidentes humanos). Esses genéricos compõem topônimos como: *Rio de Janeiro*, *Campo Largo*, *Lagoa da Canoa*, *Porto Alegre*, *Vila Rica*, *Jardim do Mulato*.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico. Toponimização. Termos genéricos geográficos. Nomes de municípios.

* Doutora em Estudos da Linguagem, pela Universidade Estadual de Londrina - UEL. Professora da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD. E-mail: marilzetavares@ufgd.edu.br.

** Doutora em Estudos da Linguagem, pela Universidade Estadual de Londrina - UEL. Professora da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR. E-mail: annachierotti@yahoo.com.br.

RESUMEN: Este estudio tiene como objetivo general presentar un análisis de los nombres de municipios formados a partir de un ítem lexical común considerado como un término geográfico genérico relacionado con un accidente físico o humano. El corpus examinado está compuesto por 810 nombres extraídos de la lista de topónimos de los municipios puesta a disposición por el IBGE. Las reflexiones teóricas y metodológicas que subyacen al trabajo son, especialmente, las de Dauzat (1947), Dick (1990a, 1990b) y Trapero (1995). Como ejemplo de los resultados obtenidos, mencionamos los siguientes: este tipo de nominación se distribuye de forma relativamente uniforme en todo Brasil, siendo ligeramente más frecuente en la Región Norte; los términos geográficos genéricos que más resultan en los topónimos son *rio*, *campo* y *lagoa* (entre los accidentes físicos); *porto*, *vila* y *jardim* (entre los accidentes humanos). Estos términos genéricos componen topónimos como: *Rio de Janeiro*, *Campo Largo*, *Lagoa da Canoa*, *Porto Alegre*, *Vila Rica*, *Jardim do Mulato*.

PALABRAS CLAVE: Léxico. Toponimia. Términos genéricos geográficos. Nombres de los municipios.

ABSTRACT: The general objective of this study is to present an analysis of the names of municipalities formed from a common lexical item considered a generic geographic term related to a physical or human accident. The examined corpus was composed of 810 names extracted from the list of toponyms of municipalities made available by IBGE. The theoretical and methodological reflections that underlie the work are, especially, those of Dauzat (1947), Dick (1990a, 1990b) and Trapero (1995). As an example of the results obtained, we mention the following: this type of nomination is relatively evenly distributed throughout Brazil, being slightly more frequent in the North Region; the generic geographic terms that most result in toponyms are river, field and lagoon (among the physical accidents); *porto*, *vila* and *jardim* (among the human accidents). These generic terms compose toponyms such as: *Rio de Janeiro*, *Campo Largo*, *Lagoa da Canoa*, *Porto Alegre*, *Vila Rica*, *Jardim do Mulato*.

KEYWORDS: Lexicon. Toponymization. Generic geographic terms. Names of municipalities.

1 INTRODUÇÃO

Os topónimos – nomes próprios utilizados para batizar elementos geográficos – são, como constantemente demonstrado pelos pesquisadores da área, motivados por inúmeros aspectos tanto de natureza física quanto de natureza antropocultural. É nesses universos (físico e antropocultural), portanto, que aquele que vai nomear o lugar busca um item lexical – mais frequentemente um nome comum¹ – que será empregado com a função de topônimo, ou seja, que passará pelo processo da toponimização. É preciso assinalar, no entanto, que essa não é a única forma de surgimento dos topónimos, uma vez que há casos – menos frequentes – em que nomes são criados especialmente para serem topónimos. Ainda que esse não seja o foco do estudo, a questão será referenciada na seção seguinte.

Entre os aspectos de natureza física que motivam a criação de nomes geográficos próprios, estão incluídos, por exemplo, elementos da vegetação, da fauna, dos recursos hídricos, do relevo, das características do solo etc. E, entre os de natureza antropocultural, inclui-se tudo que se relaciona com a cultura dos grupos humanos, como suas construções, suas crenças, suas impressões sobre o meio em que vivem.

Nessa perspectiva, convém esclarecer que acidente geográfico ou topográfico é concebido como uma alteração ou uma transformação que ocorre sobre a superfície terrestre. Os acidentes geográficos se dividem em: naturais, quando resultados da ação da natureza; ou antrópicos, quando são construções humana fixadas num determinado espaço.

Considerando que, de modo mais frequente, os topónimos advêm de nomes comuns e de variadas fontes motivacionais, este artigo tem como objetivo geral apresentar um estudo dos designativos de municípios brasileiros que, antes de se constituírem como nomes próprios, são também nomes genéricos de acidentes geográficos naturais ou antrópicos, como por exemplo, “rio”,

¹ Ressalta-se que existem os designativos que, antes de se tornarem topónimos, já eram nomes próprios, como os antropotopónimos, por exemplo, que são também nomes/sobrenomes de pessoas.

“morro”, “serra”, “vila”, “porto”. Registra-se que se toma como um dos recortes metodológicos deste estudo apenas a nomenclatura toponímica de origem portuguesa.

A análise apresenta resultados quantitativos bem como considerações de natureza qualitativa e tem os seguintes objetivos específicos: i) evidenciar quais os termos genéricos que resultaram em nomes de municípios e quais os mais frequentes; ii) demonstrar as características desse tipo de designativo em relação à estrutura formal; iii) verificar aspectos da distribuição geográfica dos topônimos oriundos do processo abordado, demonstrando também casos que podem ser entendidos como regionalismos.

Para a constituição do *corpus*, primeiramente foi analisada a lista dos nomes dos 5.571 municípios brasileiros – disponibilizada pelo IBGE – para coleta daqueles que se enquadrariam no recorte determinado. Para a separação dos dados, foram consultados os seguintes materiais: *Glossário dos termos genéricos dos nomes geográficos utilizados no mapeamento sistemático do Brasil* (IBGE, 2015), Volume 2, e dicionários comuns de língua portuguesa, especialmente Houaiss e Villar (2001) e Aulete Digital. Além disso, em alguns casos, foi necessário conferir informações históricas relativas aos municípios, disponíveis na plataforma IBGE Cidades ou nos sites oficiais das prefeituras. Essa consulta, relativa a aspectos históricos, ajudou a esclarecer, por exemplo, se topônimos constituídos por *Caldas* e *Pontes*² eram, de fato, referências aos termos genéricos geográficos ou a sobrenomes de pessoa – esse último caso, não considerado para a pesquisa.

Com esse procedimento metodológico e com os recortes estabelecidos em relação à coleta dos dados, chegou-se a um total de 810 nomes, incluindo-se topônimos constituídos de apenas um item lexical como *Barra* (BA), *Brejo* (MA), *Chapada* (RS) ou por mais de um item lexical como *Ilha das Flores* (SE), *Lagoa da Confusão* (TO), *Vila Velha* (ES).

Os pressupostos teóricos, entendidos como relevantes para a análise dos dados, são os da Toponímia e aqueles que discutem a relação e a distinção entre nome próprio e nome comum. Por isso, recorreu-se, especialmente, aos seguintes autores: Dauzat (1947), Backheuser (1952), Guérios (1981), Dick (1990a; 1990b), Trapero (1995).

2 DE NOME COMUM A NOME PRÓPRIO GEOGRÁFICO

Na introdução de seu *Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes*, Guérios (1981, p.15-16) discute, entre outras questões, a distinção entre nome próprio e nome comum, destacando que a diferença é, “[...] aos olhos do linguista, artificial, porque, na sua origem, remota ou não, os antropônimos, etc., eram nomes comuns”. O autor lembra ainda que os nomes próprios perdem os sentidos que despertavam na sua origem, mas alerta que há situações em que a significação se conserva: uma localidade chamada de *Bahia* pode, realmente, ser, no momento atual, uma baía.

O topônimo citado – Bahia – é resultado do processo de toponimização, isto é, da transformação de um item lexical comum em nome geográfico próprio. Evidentemente qualquer nome comum pode ser alçado à categoria de topônimo, mas, para este estudo, reitera-se, interessam os originados de um nome comum que integre a estrutura do sintagma toponímico na posição de elemento genérico (ver Figura 1).

Para essa discussão, importa também o que discute Trapero (1995), em relação ao que chama de “topônimos primários” ou “léxico usado exclusivamente em toponímia”:

São palavras que têm como primeira (e única?) função a de ser topônimo, isto é, referir-se a acidentes geográficos. São o que chamaremos de topônimos primários, por serem originais, palavras que nasceram com esse tipo de referência específica e que não são usadas fora dessa função toponímica. Por sua natureza, eles podem ser próprios e comuns. Os próprios são específicos para cada lugar (Toledo, Cádiz, Tenerife, Teide, Agaete ...) e no seu conjunto constituem um número muito considerável. (É necessário descartar deste grupo

²Além do uso como sobrenomes de pessoas, *caldas* pode se referir à estação de águas termais; fonte de águas minerais; e *pontes* podem ser estruturas que ligam dois pontos, duas partes.

os muitos nomes próprios de localidades que vêm do léxico comum (León, Madrid, Cuenca, Granada, Las Palmas ...) pela aplicação de uma qualidade geográfica, orográfica, botânica, etc.) . Os comuns não são muitos, considerados isoladamente: Montanha, Vale, Rio, Risco, Barranco, Praia, Cerro, Ladera, Hoya, Puerto, Vega ..., mas a grande maioria dos topônimos compostos de qualquer lugar estão organizados a partir deles: Vale do Agaete, Serra das Arucas, Barranco Grande³ ... (TRAPERO, 1995, p. 34)⁴

Do trecho, convém destacar principalmente que, conforme o autor, alguns nomes já nascem com a função de referir-se a acidentes geográficos e esses nomes podem ser próprios ou comuns. Os comuns – como *montanha, vale, rio* – não seriam muitos, mas estariam na estrutura da maioria dos topônimos compostos de qualquer lugar⁵.

Como tem sido demonstrado desde o início das pesquisas toponímicas⁶, os itens lexicais que se toponimizam podem se originar de vários campos semânticos – recursos hídricos, plantas, animais, características do solo, do relevo, religiosidade, impressões anímicas, personalidades, fatos históricos etc. Assim, a evidenciação das origens semânticas dos topônimos e dos tipos de referentes a partir dos quais foram motivados estão entre os temas mais recorrentes dos estudos toponímicos no Brasil, especialmente porque, por meio dessa abordagem, é possível verificar aspectos da relação entre léxico e cultura.

Como o objeto de estudo deste texto é um conjunto de termos genéricos geográficos que se toponimizaram, antes de se avançar um pouco na discussão teórica, convém esclarecer como se constitui um sintagma toponímico e o que se considera termo genérico e termo específico nesse contexto. Conforme Dick (1990a, p. 10), “[...] o topônimo, em sua formalização na nomenclatura onomástica, liga-se ao acidente geográfico que identifica, com ele constituindo um conjunto ou uma relação binômica, que se pode seccionar para melhor se distinguirem seus termos formadores”. Essa noção de “conjunto ou relação binômica” é representada por uma combinação que é chamada de sintagma toponímico, conforme demonstrado na Figura 1:

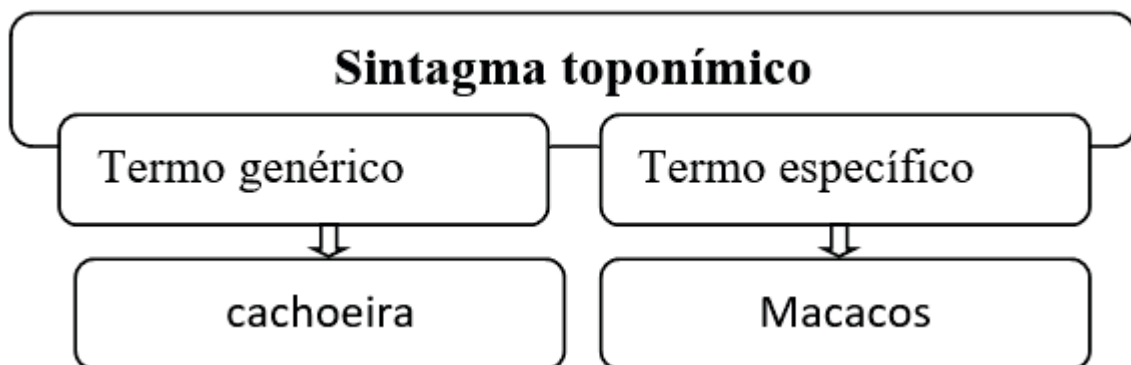


Figura 1: Sintagma toponímico

Fonte: Elaboração própria

³ Todas as traduções presentes no artigo são das autoras.

⁴ No original: “Son palabras que tienen como primera (¿y única?) función la de ser topónimos, es decir, la de referirse a accidentes geográficos. Son los que llamaremos topónimos primarios, por ser originarios, palabras que nacieron con ese tipo de referencia específica y que no se usan fuera de esa función toponímica. Por su naturaleza, pueden ser propios y comunes. Los propios son específicos de cada lugar (Toledo, Cádiz, Tenerife, Teide, Agaete...) y como conjunto forman un número muy considerable. (Hay que descartar de este grupo los muchísimos nombres propios de localidades que proceden del léxico común (León, Madrid, Cuenca, Granada, Las Palmas...) por aplicación de una cualidad geográfica, orográfica, botánica, etc.). Los comunes no son muchos, considerados aisladamente: Montaña, Valle, Río, Risco, Barranco, Playa, Cerro, Ladera, Hoya, Puerto, Vega..., pero sobre ellos se organizan la inmensa mayoría de los topónimos compuestos de cualquier lugar: Valle de Agaete, Montaña de Arucas, Barranco Grande...”

⁵ É preciso considerar, no entanto, que, em relação aos nomes dos municípios brasileiros, os itens lexicais que integram os topônimos compostos são de natureza semântica muito diversificada e ainda não se pôde comprovar o que afirma o autor.

⁶ Ver, por exemplo, Dauzat (1947), que mostra que elementos da geografia física e da geografia humana motivam as formações toponomásticas.

Em língua portuguesa, os dois elementos que compõem o sintagma aparecem de forma justaposta – o termo genérico (cachoeira) seguido do específico (Macacos)⁷. O primeiro refere-se ao acidente geográfico nomeado, e o segundo é o nome próprio que o individualiza em relação aos demais. Ao toponimista, obviamente, interessa todo o sintagma toponímico, porém a atenção maior, geralmente, recai no nome próprio ou topônimo, propriamente dito.

Assim, considerando os nomes próprios, Dauzat (1947) demonstra que eles podem, inicialmente, ser divididos em dois grupos: as designações espontâneas e as sistemáticas. Sobre as primeiras, o autor explica: “Quando uma aglomeração, um rio, uma montanha era nomeada pela voz pública – este foi sempre o caso mais frequente – o processo mais natural era designar o local de acordo com uma das suas peculiaridades topográficas mais marcantes.” (DAUZAT, 1947, p. 21)⁸. Já em relação às designações sistemáticas, cita-se o caso de uma nova cidade que pode receber o nome do fundador ou de um membro de sua família. Seriam também sistemáticas as designações de ordem religiosa ou místicas, e a transplantação de topônimos.

A partir, então, da divisão proposta pelo linguista francês, quando os municípios recebem nomes próprios que se originaram de um termo genérico da topografia – pode-se dizer que o processo foi como o das “designações espontâneas”. Vale ressaltar ainda, que se entende das palavras do autor, que o genérico que se toponimiza, em geral, se constitui como uma referência importante, ou seja, indica um elemento topográfico marcante na região, como uma *cachoeira*, um *rio*, um *morro*, um *vale* etc.

Outro pesquisador, o geógrafo brasileiro, que inclusive se baseia em Dauzat para suas reflexões, ao apresentar proposta de divisão para análise dos topônimos, lembra que a “[...] toponímia faz abundante uso quer do substantivo comum quer do substantivo próprio [...]” (BACKHEUSER, 1952, p. 169), o que seria, como ele lembra, um típico exemplo da figura de retórica denominada antonomásia, que consiste em tomar um substantivo próprio por comum ou, o contrário, um comum por um próprio. Esses substantivos comuns, com alguma frequência, são oriundos dos elementos topográficos naturais ou antrópicos. Tendo em vista os objetivos deste estudo, a título de exemplificação, transcrevem-se alguns exemplos, recolhidos pelo autor:

Nilo (vale), Niger (rio), Ural (bacia), Vístula (queda d’água), Tchad (lago), Ladoga (planície d’água), Jura (floresta de montanha), Berna (monte), Meuse ou Maas (pântano), Nianza ou Niassa (lago), Pará, Paraná, Parima (rio), Lille (a ilha), Havre (porto), Bahia (baía), Saara (deserto), Coblenz (confluência), Corgo (córrego), Florença (confluência), Interlaken (entre lagos), Beirut (fonte), etc. etc. (BACKHEUSER, 1952, p. 169)

Esses topônimos têm, em suas línguas de origem, os significados expressos entre parênteses, e originam-se, como se nota, de termos genéricos relativos a elementos geográficos. Convém chamar a atenção ainda para o fato de que o denominador, em relação aos exemplos transcritos, utiliza substantivos comuns sem acréscimo de quaisquer qualificativos, o que, originalmente, ocorreria em razão de os habitantes não conhecerem ou, realmente, não haver outro elemento da mesma classe na região.

Em estudo posterior ao de Backheuser, Dick (1990a, p. 11) explica por que, em certos casos, uma comunidade utiliza apenas o nome genérico para se referir a um acidente topográfico:

[...] o acidente pode ser único na região, tornando desnecessárias as complementações referenciais; em outras circunstâncias ele é tão significativo para a comunidade que, nomeá-lo ou acrescentar-lhes outras características é desvirtuá-lo ou retirar-lhe o caráter de plenitude enfática que se empresta ao nome comum, tornando próprio então na fala do povo. (DICK, 1990a, p. 11)

⁷ Em outras línguas, a composição pode ocorrer de forma aglutinada, como em tupi, por exemplo, em que se tem *Paraúna* (rio negro), conforme explica Dick (1990a, p. 10).

⁸ No original: “Quand une agglomération, une rivière, une montagne a été dénommée para la voix publique, – ce fut toujours le cas le plus fréquent – le procédé le plus naturel était de désigner le lieu d’après une de ses particularités topographiques les plus frappantes.”

Nessa linha de raciocínio, considerando que o nome comum pode, com o tempo, funcionar como um nome próprio na “fala do povo”, talvez seja necessário considerar que há formas diferentes de toponimização. Assim, quando apenas o termo genérico é empregado nas referências a um acidente geográfico, é possível ocorrer uma toponimização informal, aceita e utilizada espontaneamente nas interações orais da comunidade, mas sem registro escrito formal. Nesses casos, é preciso lembrar, ainda, que os itens lexicais genéricos utilizados aludem, de fato, ao acidente da classe expressa no significado do termo. Por exemplo: em “vamos ao rio”, “estávamos na praça”, “a onça estava perto do morro”, o termo “rio” é, de fato, um curso d’água; “praça” é o espaço público destinado a encontros, a lazer; e “morro” realmente refere-se a uma espécie de elevação do terreno.

O estudo que se apresenta neste texto, no entanto, analisa outro tipo de toponimização, ou seja, aqueles casos em que itens léxicos que poderiam ocupar a posição do elemento genérico no sintagma toponímico, foram formalmente elevados à categoria de nome específico (de topônimo propriamente dito). Eles seriam diferentes do primeiro caso mencionado porque, além do registro formal, referem-se a elementos de outra classe, isto é, “morro” e “rio”, por exemplo, podem identificar/especificar um município e não uma elevação do terreno ou um curso de água, respectivamente. O trecho transcrito a seguir parece referir-se mais exatamente a esse último tipo de toponimização:

As paisagens toponímicas da terra, de um modo geral, refletem um número considerável de termos emprestado da Geografia, tanto do ponto de vista físico quanto humano. O interrelacionamento da disciplina com a ciência – que constitui, ao da História e da Linguística, um dos seus embasamentos teóricos – acentua-se, assim, à medida que os acidentes geográficos incorporam também o sentido de “topônimo”, dando origem a novas construções toponomásticas. (DICK, 1990a, p. 64)

Como mencionado, a propósito do que registra Dauzat (1947), alguns acidentes geográficos, por suas características, chamam mais atenção que outros. Desse modo, certamente, os termos genéricos que se referem a esses acidentes geográficos, com mais frequência são alçados à condição de topônimos. É o que explica Trapero (1995, p. 36):

[...] montanha, penhasco, barranco, vale ou rio denotam acidentes tão marcantes que sempre serão um ponto de referência na geografia e, portanto, nomes de lugares, enquanto poça, fonte, fosso, acequia ou declive podem referir-se a realidades tão minúsculas que, dos muitos que existem, apenas alguns serão um ponto de referência em geografia⁹ (TRAPERO 1995, p. 36)

Para essa afirmação, certamente, o autor espanhol toma como referência principal a toponímia da Espanha estudada por ele. Alguns dos tipos de acidentes citados, entretanto, são também mencionados pela toponimista brasileira, que além disso, afirma:

O recorte de um “morro”, os contornos de uma “serra”, o “monte” singular em sua morfologia, o volume das águas de um “rio”, o seu “curso acidentado”, entremeado de “corredeiras” e “pequenos saltos” ou, ao contrário, a “suavidade” de seu declive, tudo pode ser causa de motivações toponímicas. (DICK, 1990a, p. 64)

No Quadro 1, expõem-se, a propósito de uma melhor visualização, dez exemplos de termos genéricos relativos a acidentes geográficos físicos ou humanos que costumam ser empregados como topônimos de forma autônoma (isto é, formando topônimos simples) ou em composições com diferentes tipos de qualificativos, conforme será possível observar na análise dos dados, na próxima seção.

⁹ No original: “[...] montaña, risco, barranco, valle o rio denotan accidentes tan señalados que siempre serán punto de referencia en la geografía y, por tanto, topónimos, mientras que charco, fuente, acequia, era o cuesta pueden referirse a realidades tan minúsculas que, de las muchas que haya, sólo unas pocas serán punto referencial en la geografía”. (TRAPERO 1995, p. 36)

GENÉRICO DE ACIDENTE FÍSICO/NATURAL	GENÉRICO DE ACIDENTE HUMANO/ANTRÓPICO
Arroio	capela
Barra	colônia
Cabo	farol
Ilha	porto
Monte	sobrado

Quadro 1: Exemplos de termos genéricos que se toponimizam

Fonte: Elaboração própria

Na maioria dos casos, os termos utilizados para fazer a referência aos acidentes geográficos são conhecidos por todos os falantes de determinada língua. É possível também ocorrer, porém, o uso de determinadas unidades lexicais que são restritas ou mais amplamente utilizadas em determinada regiões.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Conforme adiantado na introdução, o exame da lista dos nomes dos 5.571 municípios brasileiros evidenciou que 810, ou seja, 14,5%, são formados a partir de um termo genérico geográfico. Desses, 636 referem-se a acidentes físicos e 174 a acidentes humanos.

Esse tipo de nome aparece na macrotoponímia – isto é, nos nomes de municípios – de forma autônoma, com ou sem sufixos ou desinências (diminutivo, aumentativo, plural entre outros), e em composições, como será exemplificado mais adiante. Tendo em vista os limites de extensão para este texto, não é possível transcrever todos os topônimos, por isso optou-se por apresentar apenas os termos genéricos que, em alguns casos, dão origem a dezenas de topônimos atribuídos a municípios de vários estados do Brasil.

Assim, no Quadro 2, estão apresentados os termos genéricos relativos a acidentes físicos, seguidos das quantidades (quando há mais de um) de topônimos aos quais deram origem e das siglas dos estados em que aparecem.

FÍSICOS
<p>Agrestina (1) – PE; Alagoa (7) – CE, MG, PB (3), PE, PI; Alpes (1) – MG; Angra (1) – RJ; Arroio (7) – RS (6), SC; Baía (2) – PB, RN; Baixa (2) – BA, PI; Baixio (2) – CE, ES; Balneário (7) – RS, SC (6); Barra (34) – AL (2), BA (5), ES, MA, MG, MT (2), PB (3), PE, PI (2), PR, RJ (2), RS (5), SC (2), SE, SP (4), TO; Barreira (3) – BA, AM, MA; Bocaina (4) – MG, PI, SC, SP; Boqueirão (3) – PB, PI, RS; Braço (2) – SC (2); Brejo (17) – PB (3), PE (3), PI (2), BA (2), MA (2), ES, RN, SE, SP, TO; Brotas (2) – BA, SP; Cabeceira (3) – GO, MG, PI; Cabedelo (1) – PB; Cabo (3) – MG, PE, RJ; Cachoeira (19) – MG (4), GO (3), PA (2), RS (2), BA, ES, MA, PB, PE, RJ, SP, TO; Caldas (2) – GO, MG; Campina (13) – PR (3), GO (2), RS (2), SP (2), MG, MT, PB, PI; Campo (44) – MG (6), PR (5), GO (4), PI (4), SC (4), MT (3), RS (3), SP (3), AL (2), BA (2), RN (2), CE, MS, RJ, RO, SE, TO; Capão (6) – RS (4), SC, SP; Cerro (8) – RS (5), PR, RN, SC; Chã (3) – PE (2), AL; Chapada (10) – MG (2), TO (2), GO, MA, MS, MT, RS, SC; Colina (8) – PI (2), AL, GO, MA, RS, SP, TO; Córrego (6) – MG (4), GO, MS; Coxilha (1) – RS; Espigão (2) – PR, RO; Faxinal (4) – RS (2), PR, SC; Floresta (7) – PR (2), BA, MG, PA, PE, PI; Fonte (1) – AM; Foz (2) – PR (2); Gramado (3) – RS (3); Igarapé (5) – MA (2), PA (2), MG; Ilha (8) – SP (3), BA, PE, PI, SC, SE; Ipeira (3) – CE, RN, TO; Lagamar (1) – MG; Lago (4) – MA (4); Lagoa (37) – MG (6), PI (6), PE (5), RN (5), RS (4), PB (3), MA (2), TO (2), AL, BA, GO, SP; Laguna (2) – MS, SC; Laje (6) – RN (2), BA, MG, RJ, SC; Lajeado (9) – BA (3), RS (2), MA, RS, SC, TO, PE; Lamarão</p>

(1) – BA; **Lapa (2)** – BA, PR; **Malhada (1)** – BA; **Mar (2)** – AL, MG; **Mata (9)** – MA (2), AL, BA, MG, PB, PR, RS, SP; **Mato (8)** – RS (3), MA (2), MG, PB, PR; **Montanha (2)** – ES, RN; **Monte (28)** – MG (7), SP (5), GO (2), RN (2), RS (2), TO (2), BA, MA, PA, PB, PI, RO, SC, SE; **Morretes (1)** – PR; **Morro (15)** – RS (3), GO (2), MG (2), PI (2), SC (2), BA, CE, MA, SP; **Olho d'Água (8)** – AL (3), MA, MG, PB, PI, RN; **Pedra (16)** – MG (5), PB (2), AP, BA, CE, PE, RN, RS, SC, SP, MA; **Picos (1)** PI; **Planalto (7)** – BA (2), MT, PR, RS, SC, SP; **Poção (2)** – MA, PE; **Poço (9)** – PB (3), MG (2), AL, RN, RS, SE; **Ponta (3)** – MS, PA, PR; **Pontal (3)** – MT, PR, SP; **Praia (4)** – PA, SC, SP, TO; **Recife (1)** – PE; **Remanso (1)** – BA; **Ressaquinha (1)** – MG; **Restinga (2)** – RS, SP; **Riacho (17)** – PB (5), BA (3), MG (2), RN (2), MA, PE, PI, SE, TO; **Ribeirão (17)** – SP (8), MG (2), MT (2) PR (2), BA, PE, SE; **Rio (64)** – MG (13), SC (8), PR (6), RJ (5), BA (4), RS (4), SP (4), MS (3), TO (3), ES (2), GO (2), AC, AL, AM, MT, PA, PB, PE, PI, RN, RO; **Rochedo (2)** – MG, MS; **Salinas (3)** – BA, MG, PR; **Salto (11)** – SP (4), PR (2), SC (2), MG, MT, RS; **Sangão (1)** – SC; **Serra (27)** – RN (6), BA (5), MG (4), PE (2), PB (4), SP (2), AP, ES, MT, SC; **Serrana (1)** – SP; **Serraria (2)** – MG, PB; **Serrano (5)** – MG (2), PR (1), GO, MA; **Sertão (4)** – RS (2), PB, SP; **Sumidouro (1)** – RJ; **Vacaria (1)** – RS; **Vale (7)** – RS (3), RO (2), MT, SP; **Vargeão (1)** – SC; **Vargem (10)** – SP (3), MG (3), SC (2), ES, MA; **Varginha (1)** – MG; **Varjão (2)** – GO, MG; **Varjota (1)** – CE; **Várzea (12)** – BA (3), PI (2), MG (2), CE, MT, PB, RN, SP; **Varzedo (1)** – BA; **Vazante (1)** – MG; **Volta (2)** – MG, RJ

Quadro 2: Elementos genéricos de acidentes físicos, quantidades e siglas dos estados

Fonte: Elaboração própria

Conforme se verifica pelo Quadro 2, são 91 termos distintos encontrados como nomes próprios de 636 municípios, seja de forma autônoma ou acompanhados de determinantes. Os mais recorrentes são os seguintes: rio (64 municípios), campo (44 municípios), lagoa (37 municípios), barra (34 municípios), monte (28 municípios), serra (27 municípios), cachoeira (19 municípios), riacho (17 municípios), ribeirão (17 municípios), várzea (12 municípios). Esses termos estão em topônimos como: *Rio Bom* (PR), *Rio Brilhante* (MS), *Rio do Antônio* (BA), *Campo Alegre* (AL, SC), *Campo Largo* (PR), *Campos Lindos* (TO), *Lagoa* (PB), *Lagoa da Canoa* (AL), *Lagoa do Piauí* (PI), *Barras* (PI), *Barra Bonita* (SC), *Barra de Santa Rosa* (PB), *Monte Alto* (SP), *Monte Azul* (MG), *Monte Santo* (BA), *Serra* (ES), *Serrana* (SP), *Serra do Ramalho* (BA), *Cachoeira* (BA), *Cachoeira dos Índios* (PB), *Cachoeira Dourada* (GO), *Riacho da Cruz* (RN), *Riacho dos Cavalos* (PB), *Riacho Frio* (PI), *Ribeirão* (PE), *Ribeirão Claro* (PR), *Ribeirãozinho* (MT), *Várzea* (PB, RN), *Várzea Alegre* (CE), *Várzea Nova* (BA).

A análise permitiu comprovar que os nomes oriundos de termos geográficos da hidrografia são muito recorrentes na toponímia de todas as regiões do Brasil. Isso ocorre, basicamente, pelo que resume Dick (1990a, p. 196): “O aparecimento de topônimos, nos mais diferentes ambientes, revestindo uma natureza hidronímica propriamente dita, vincula-se a importância dos cursos d’água para as condições humana de vida”.

Foi possível constatar, ainda, que topônimos que se originam de termos relativos ao relevo também têm ocorrência significativa na macrotoponímia. “As formas do relevo terrestre, seja no sentido de elevações ou de depressões, costumam emprestar à toponímia uma variedade de signos onomásticos que, em sua grande maioria, traduzem uma técnica espontânea de designação” (DICK, 1990a, p. 114).

Os topônimos formados por termos que se referem aos acidentes antrópicos ou construções humanas também constituem um conjunto importante, mas são, proporcionalmente, menos recorrentes em relação aos relativos aos acidentes físicos, como se observa no Quadro 3.

HUMANOS
<p>Aldeia (1) – MA; Arraial (2) – PI, RJ; Cacimba (4) – PB (3), AL; Capela (7) – MG (2), AL, BA, RS, SE, SP; Careiro (1) – AM; Casa (3) – BA, MG, SP; Catas Altas (2) – MG (2); Chácara (1) – MG; Chalé (1) – MG; Condado (2) – PB, PE; Curral (8) – PI (3), RN (2), PB (2), PA; Estância (2) – RS, SE; Farol (1) – PR; Fazenda (3) – GO, PR, RS; Fronteira (3) – MG (2), PI; Granja (1) – CE (1); Igreja (2) – AL, RS; Jardim (10) – RN (3), PR (2), CE, MS, PI, SC, SP; Linha (1) – RS; Minas (2) – MG, RS; Mirador (3) – MA, MG, PR; Mirante (3) – BA, RO, SP; Morada (2) – CE, MG; Olaria (1) – MG; Paço (1) – MA; Paial (1) – SC; Palhoça (1) – SC; Passagem (3) – MA, PI, RN; Passo (6) – RS (2), SC (2), AL, MG; Pastos (1) – MA; Ponte (9) – SC (3), TO (2), MG, MT, RS, SP; Porto (37) – RS (5), MT (4), PR (4), AL (3), AC (2), MA (2), PI (2), SC (2), SP (2), TO (2), AP, BA, MG, MS, PA, RJ, RN, RO, SE; Pouso (4) – MG (2), RS, SC; Quilombo (1) – SC; Rancharia (1) – SP; Rancho (3) – PR (2), SC; Reduto (1) – MG; Reserva (3) – PR (2), MT; Retiro (1) – BA; Rincão (1) – SP; Sede (1) – RS; Sítio (6) – AP, BA, GO, MA, RN, TO; Sobrado (3) – BA, PB, RS; Tanque (4) – BA (2), AL, PI; Torre (3) – SP (2), RS; Vereda (2) – BA, MG; Viaduto (1) – RS; Vila (14) – RS (4), ES (3), GO (2), MT (2), MA, PI, RN</p>

Quadro 3: Elementos genéricos de acidentes humanos, quantidades e siglas dos estados

Fonte: Elaboração própria

No Quadro 3, estão 48 termos, destacando-se, pela maior recorrência, os seguintes: porto (37 municípios), vila (14 municípios), jardim (10 municípios), ponte (9 municípios), curral (8 municípios), capela (7 municípios), sítio (6 municípios), passo (6 municípios), cacimba (4 municípios), pouso (4 municípios), tanque (4 municípios). Como exemplo de formações toponomásticas com esses elementos, elencam-se: *Porto* (PI), *Porto Alegre* (RS), *Porto Murtinho* (MS), *Vila Boa* (GO), *Vila Pavão* (ES), *Vila Rica* (MT), *Jardim* (CE, MS), *Jardim Alegre* (PR), *Jardim do Mulato* (PI), *Ponte Alta* (SC), *Ponte Nova* (MG), *Ponte Preta* (RS), *Curral de Cima* (PB), *Curral Velho* (PB), *Curralinhos* (PI), *Capela* (SE, AL), *Capela do Alto* (SP), *Capela Nova* (MG), *Sítio d'Abadia* (GO), *Sítio do Mato* (BA), *Sítio Novo* (MA, RN), *Passo de Camaragibe* (AL), *Passo do Sobrado* (RS), *Passos* (MG), *Cacimba de Areia* (PB), *Cacimba de Dentro* (PB), *Cacimbas* (PB), *Pouso Alegre* (MG), *Pouso Novo* (RS), *Pouso Redondo* (SC), *Tanque d'Arca* (AL), *Tanque do Piauí* (PI), *Tanque Novo* (BA).

Vale esclarecer que o termo *curral* tem como significado mais usual “lugar onde se abriga o gado”, mas foi considerado um genérico geográfico por razões históricas. Para ilustrar, cita-se o caso de *Currais Novos* no Rio Grande do Norte. Segundo informações do IBGE CIDADES, o topônimo pode ser explicado pelo fato de que “os famosos “currais novos”, construídos pelo Capitão-Mór Galvão, tornaram-se símbolos do desenvolvimento pastoril da região, passando a designar, com o tempo, a fazenda, a capela, o povoado, a vila, e, conseqüentemente, o próprio município”. Outro caso, tomado como exemplo, é o de *Curral de Dentro* (MG) cujas informações históricas sobre o município registram: “Os currais foram construídos na atual Praça Miguel Alves dos Santos e serviam para os fazendeiros, seus capatazes e vaqueiros prenderem o gado, quando passavam pela região e precisavam pernoitar, sem se preocupar¹⁰”. Dessa forma, os currais, nesses municípios, foram de grande importância na construção dos municípios e ganharam um sentido ampliado.

Os exemplos citados, relativos aos Quadros 2 e 3, demonstram que termos toponimizados aparecem em topônimos simples ou compostos. Para entender melhor essas formações, é preciso considerar que, geralmente os termos geográficos genéricos começam a ser utilizados pela comunidade como topônimos de forma espontânea e sem necessidade de especificação porque, como já se afirmou, o acidente geográfico é único na região ou é o único conhecido pelas pessoas que ali habitam. Quando, por outro lado, há mais de um acidente da mesma classe, evidentemente há a necessidade de uma melhor especificação.

Nas situações em que os termos genéricos passam a referenciar outra classe, isto é, quando o genérico de um acidente físico ou de outro acidente humano como *barra*, *rio*, *capela*, *fazenda* se tornam topônimos de municípios, eles podem continuar figurando de forma autônoma – com ou sem o acréscimo de desinências e/ou sufixo que indicam plural, diminutivo, aumentativo, entre outros,

¹⁰ Informações retiradas de <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/curral-de-dentro/historico>. Acesso em: 06 jan. 2022

como nesses exemplos: *Brotas* (SP), *Cacimbas* (PB), *Campinas* (SP), *Viadutos* (RS), *Brejões* (BA), *Lajedão* (BA), *Matão* (SP), *Riachão* (MA, PB), *Capelinha* (MG), *Corguinho* (MS), *Curralinho* (PA), *Pracinha* (SP). Registra-se que as formações toponomásticas com apenas uma palavra, no recorte investigado, constituem a minoria (24%).

A pesquisa evidencia, entretanto, que, na maioria dos casos (76%), esses termos aparecem combinados com outros elementos, formando topônimos compostos. Os itens lexicais que se juntam ao termo toponimizado são, do ponto de vista do significado, muito variados. Apesar disso, é possível esboçar uma breve sistematização, considerando as maiores recorrências, conforme se verifica no Quadro 4.

QUALIFICATIVO/DETERMINANTE	TOPÔNIMOS
Cor	<i>Pedra Branca</i> (PB), <i>Rio Azul</i> (PR), <i>Rio Verde</i> (GO), <i>Ribeirão Preto</i> (SP), <i>Serra Dourada</i> (BA)
Dimensão	<i>Alagoa Grande</i> (PB), <i>Barra Longa</i> (MG), <i>Córrego Fundo</i> (MG), <i>Ilha Comprida</i> (SP), <i>Ponte Alta</i> (SC)
Localização	<i>Arroio do Meio</i> (RS), <i>Braço do Norte</i> (SC), <i>Cabeceiras do Piauí</i> (PI), <i>Chapadão do Sul</i> (MS), <i>Matões do Norte</i> (MA)
Indicação cronológica	<i>Porto Velho</i> (RO), <i>Caldas Novas</i> (GO), <i>Campo Novo</i> (RS), <i>Capela Nova</i> (MG), <i>Vila Velha</i> (ES)
Nome ou sobrenome de pessoa	<i>Chapada dos Guimarães</i> (MT), <i>Córrego Dantas</i> (MG), <i>Lago dos Rodrigues</i> (MA), <i>Poço de José de Moura</i> (PB)
Santos ou elementos de religiosidade	<i>Barra de Santa Rosa</i> (PB), <i>Barra de São Francisco</i> (ES), <i>Brejo da Cruz</i> (PB), <i>Brejinho de Nazaré</i> (TO), <i>Mata de São João</i> (BA)
Avaliação subjetiva ou anímica	<i>Barra Bonita</i> (SP, SC), <i>Monte Formoso</i> (MG), <i>Porto Belo</i> (SC), <i>Porto Feliz</i> (SP), <i>Várzea Alegre</i> (CE)

Quadro 4: Exemplos de qualificativos/determinantes que se juntam ao genérico toponimizado

Fonte: Elaboração própria

A pesquisa demonstrou, ainda, que os elementos *-lândia* e *-polis*, comuns na formação de grande número de topônimos brasileiros, conforme já atestado por Dick (1990b, p.13), também se juntam ao genérico toponimizado como nos exemplos: *Brejolândia* (BA), *Retirolândia* (BA), *Riolândia* (SP), *Florestópolis* (PR), *Jardinópolis* (SC, SP), *Ribeirópolis* (SE).

Tendo, nesta parte da análise, demonstrado os tipos de elementos genéricos que se toponimizam com mais frequência e exposto alguns aspectos da estrutura formal desses nomes geográficos, na sequência apresentam-se informações relativas à distribuição regional dos dados em análise. Ou seja, procura-se responder às questões: topônimo formado a partir de genéricos são mais ou menos frequentes em determinadas regiões do Brasil? Alguns termos genéricos geográficos em função toponímica são mais recorrentes em determinadas regiões e menos em outras? Para isso, expõe-se, inicialmente, o Gráfico 1, que demonstra o percentual desse tipo de topônimos em cada uma das regiões brasileiras.

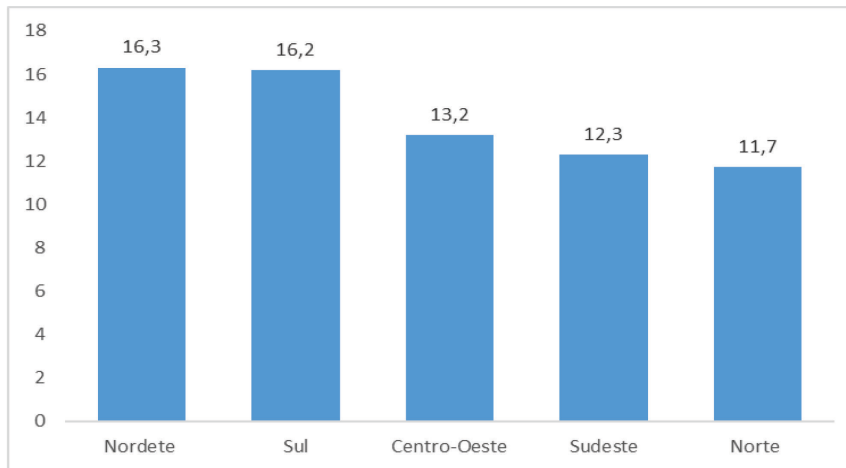


Gráfico 01: Percentual de topônimos formados a partir de termos genéricos geográficos

Fonte: Elaboração própria

Como se observa no gráfico, no Nordeste há o registro de 294 topônimos de um total de 1.794, motivados por um elemento geográfico, o que corresponde a 16,3% do total dos macrotopônimos dessa região. Em todos os estados dessa região existem nomes de municípios criados a partir dos genéricos, nas seguintes quantidades: Bahia – 58, Paraíba – 45, Piauí – 44, Rio Grande do Norte – 38, Maranhão – 37, Pernambuco – 27, Alagoas – 22, Sergipe – 12 e Ceará – 11 topônimos. Na região Sul, foram verificados 196 topônimos (16,2%) de um total de 1.191, assim distribuídos: Rio Grande do Sul – 90, Santa Catarina – 58 e Paraná – 48 topônimos. Já da região Centro-Oeste foram coletados 62 nomes (13,2%) de um total de 466: Goiás – 27, Mato Grosso – 24 e Mato Grosso do Sul – 11. Do Sudeste foram coletados 206 topônimos (11%) de um total de 1.668, que estão distribuídos da seguinte forma: Minas Gerais – 111 topônimos, São Paulo – 67, Rio de Janeiro – 16 e Espírito Santo – 12. Por fim, na região Norte, foram 53 designativos (11,7%) de um total de 450 nos seguintes estados: Tocantins – 23, Pará – 11, Rondônia – 08, Amazonas – 04, Amapá – 04, Acre – 03. Roraima foi o único estado em que não se verificou nenhum topônimo originado de um termo genérico geográfico.

A recorrência desse tipo de topônimo é maior no Nordeste e no Sul, e menor no Norte. De modo geral, entretanto, as diferenças entre os percentuais não são muito significativas, indicando que esse padrão toponímico estudado ocorre, de maneira mais ou menos equivalente, em todo o território brasileiro.

Na sequência, ainda no que se refere à distribuição regional dos topônimos analisados, discute-se a maior predominância de certos termos em algumas regiões e os possíveis motivos disso.

Inicialmente, considera-se que alguns termos geográficos toponimizados são mais frequentemente utilizados em determinadas regiões porque, nelas, existem mais acidentes geográficos referenciados por esses termos geográficos. Em outras palavras, pode-se supor que se existem muitos *portos* ou muitas *lagoas* em determinadas regiões, é possível que, nelas, esses termos passem mais vezes à categoria de nomes próprios de municípios.

Partindo-se, então, desse raciocínio, expõem-se algumas considerações que serão apenas exemplificativas. Assim, tomam-se, para análise, os seguintes termos: *arroio*, *igarapé*, *balneário*, *faxinal*, *coxilha*, *boqueirão*, *chapada*, *chapadão*, *baixa*, *bocaina*, *brejo*, *volta* e *lagamar*.

Segundo Guerra (1993, p. 40), *arroio* é uma “denominação dada aos pequenos rios no sul do Brasil, ex.: arroio Xuí (Rio Grande do Sul). Corresponde aos igarapés (vide) da região amazônica”. O que registra esse autor, de fato está confirmado em relação ao uso de *arroio* também em composições toponímicas. Entre os dados, esse termo foi registrado em *Arroio do Meio*, *Arroio do Padre*, *Arroio do Sal*, *Arroio do Tigre*, *Arroio dos Ratos*, *Arroio Grande*, todos no estado do Rio Grande do Sul, e em *Arroio Trinta* no estado de Santa Catarina. O exame dos dados evidencia que somente na Região Sul do país foram registradas ocorrências do termo

como topônimo e, nessa região, apenas no Paraná não há município nomeado com o termo arroio. Como se nota, o mesmo autor afirma que os arroios correspondem aos igarapés encontrados na região amazônica. Neste estudo, foram coletados os seguintes topônimos formados a partir desse termo¹¹: *Igarapé* (MG), *Igarapé-Açu* (PA), *Igarapé do Meio* (MA), *Igarapé Grande* (MA) e *Igarapé-Mirim* (PA). Desses, apenas o município mineiro está fora da região amazônica.

Para o termo *balneário*, dentre as acepções registradas por Houaiss e Villar (2001), está “local público destinado a banhos” – não há marcas de uso que indiquem ser mais recorrente em alguma região ou estado. A partir da observação dos dados, entretanto, percebe-se que esse genérico compõe topônimos de municípios localizados apenas no Sul do país: seis em Santa Catarina (*Balneário Arroio do Silva*, *Balneário Barra do Sul*, *Balneário Camboriú*, *Balneário Gaivota*, *Balneário Piçarras* e *Balneário Rincão*) e um no Rio Grande do Sul (*Balneário Pinhal*).

Para o termo *faxinal*, o dicionário de Houaiss e Villar (2001) informa que, na acepção “campo de pastagem com presença de arvoredo esguio”, é um brasileirismo do Sul do Brasil. Apenas em três estados do Sul foram verificados topônimos formados a partir desse termo, Rio Grande do Sul (*Faxinal Soturno* e *Faxinalzinho*), Santa Catarina (*Faxinal dos Guedes*) e Paraná (*Faxinal*).

Coxilha, por sua vez, aparece como nome de município apenas no Rio Grande do Sul e, como afirma Guerra (1993, p. 109), é uma denominação regional que é usada para referir-se a “pequenas elevações ou colinas”. De acordo com Houaiss e Villar (2001), o termo tem origem no espanhol “[...] no sentido de linha ou ondulação do cume de uma serra, contínuo de colinas em campo plano, paisagem típica de regiões argentinas, que se estendem ao Rio Grande do Sul”.

Boqueirão é “termo regional utilizado na Região Nordeste para as aberturas ou gargantas estreitas, cortadas, por vezes, em serras, por onde passa um rio” (IBGE 2015, p. 14). Entre os dados, verificaram-se dois topônimos de municípios de estados do Nordeste, Boqueirão (PB) e *Boqueirão do Piauí* (PI), mas também em um município do Rio Grande do Sul (*Boqueirão do Leão*).

Na macrotoponímia analisada, constatou-se que os termos *chapada* e *chapadão* também são mais frequentes em determinadas regiões. Em Guerra (1993, p. 90), verifica-se que *chapada* é

[...] denominação usada no Brasil para as grandes superfícies, por vezes horizontais, e a mais de 600 metros de altitude que aparecem na região Centro-Oeste do Brasil. Também no Nordeste Oriental existem várias chapadas residuais. [...] A uma sucessão de chapadas, denomina-se de chapadão”. (GUERRA, 1993, p. 90)

No Centro-Oeste, *chapada* e *chapadão* entraram na composição dos seguintes topônimos: *Chapada da Natividade* (TO), *Chapada de Areia* (TO), *Chapada do Guimarães* (MT), *Chapadão do Céu* (GO), *Chapadão do Sul* (MS). No entanto, a distribuição desses termos não coincide exatamente com o que registra o autor em relação à presença do elemento físico, uma vez que, no Sudeste, há os topônimos *Chapada do Norte* (MG) e *Chapada Gaúcha* (MG) e no Sul, *Chapadão do Lageado* (SC). Em todo caso, a tendência de que a presença do elemento físico no local motiva a criação de topônimos se confirma ao menos em relação ao Centro-Oeste.

O termo *baixa*, que também aparece toponimizado, “[...] caracteriza-se por depressões do terreno ou fundo de vales, com regime hidrológico intermitente, com pouca declividade. As baixas alagam na época das chuvas e normalmente se ligam com a rede hidrográfica local” (IBGE, 2015, p. 14). Ainda de acordo com essa fonte, as baixas ocorrem em áreas rurais de estados como Bahia, Maranhão, Minas Gerais e Rio Grande do Norte. Entre os dados, verificou-se a ocorrência de dois topônimos constituídos por esse termo: *Baixa Grande* (BA) e *Baixa Grande do Ribeiro* (PI). Consoante à informação do IBGE, é comum o uso de *baixa* para fazer referência a elemento geográfico, na Bahia. O Piauí não é citado, mas como se trata de uma enumeração exemplificativa, o termo pode estar presente também nesse estado.

¹¹ A lexia “igarapé” tem origem Tupi, mas foi incluída na pesquisa porque está incorporada à língua portuguesa.

Sobre o genérico geográfico *bocaina*, que também foi encontrado em função toponímica, verifica-se que se trata de um “[...] termo regional descritivo usado no sul do Brasil para designar colo ou garganta, enquanto na Amazônia e na Guiana Maranhense significa foz de um rio ou ainda a entrada de um lago que se comunica por um desaguadouro com o rio” (GUERRA, 1993, p. 60). Em Santa Catarina, comprovou-se a existência de um município denominado *Bocaina do Sul*. Entretanto, constatou-se que o termo também se tornou topônimo de municípios em outros estados: *Bocaina* (PI, SP) e *Bocaina de Minas* (MG). Pelas informações a que se teve acesso, não foi possível determinar de que tipo de elemento geográfico o nome se originou.

Brejo é um termo que entra na formação de topônimos de muitos municípios brasileiros e pode ser definido da seguinte forma:

Terreno normalmente planificado, pantanoso, encharcado, com ocorrências nas cabeceiras dos rios, ou a partir do transbordamento dos mesmos, com registros nos Estados da Bahia, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Piauí e Tocantins. (IBGE, 2015, p. 15)

De acordo com a definição, trata-se de um tipo de terreno encontrado nos cinco estados citados, mas o termo genérico aparece em formações toponímicas (com acréscimo de sufixos ou outras unidades léxicas) de vários outros estados: *Brejão* (PE), *Brejetuba* (ES), *Brejinho* (RN e PE), *Brejinho de Nazaré* (TO), *Brejo* (MA), *Brejo Alegre* (SP), *Brejo da Madre de Deus* (PE), *Brejo de Areia* (MA), *Brejo do Cruz* (PB), *Brejo do Piauí* (PI), *Brejo dos Santos* (PB), *Brejo Grande* (SE), *Brejo Grande do Araguaia* (PI), *Brejo Santo* (PB), *Brejões* (BA), *Brejolândia* (BA).

É importante registrar ainda que o termo geográfico *volta* é descrito como “característico da Região Norte. Curva de um rio” (IBGE 2015, p. 32), porém, como topônimo de município foi encontrado apenas na região Sudeste: *Volta Grande* (MG) e *Volta Redonda* (RJ).

Por fim, o item lexical *lagamar* é definido como um termo regional do Ceará com o significado de “Espécie de enseada formada na região litorânea e onde, por ocasião das vazantes de marés, a água do mar se empoça” (IBGE, 2015, p. 21). *Lagamar* é nome de um município em Minas Gerais, entretanto informações históricas que tentam recuperar a motivação do topônimo mostram que o sentido seria diferente do registrado no dicionário do IBGE. “Segundo as histórias, neste local havia uma pequena lagoa de água salgada, daí se deu o nome do Município (LAGA- lagoa; MAR- água salgada)” (IBGE CIDADES)¹².

De modo geral, observando a distribuição geográfica de alguns genéricos que se toponimizam, pode-se afirmar que é a presença dos elementos geográficos que motiva a criação desse tipo de topônimo, conforme já havia concluído Dick ao examinar outro *corpus*¹³ de topônimos brasileiros:

Realmente, chapadas, colinas, coxilhas, montanhas, montes, morros, picos, planaltos, planícies, serras, tabuleiros e vales, por exemplo, quando em função toponímica, refletem, em sua origem semântica, a natureza topográfica, que, em tantas ocasiões motiva o denominador. Muitas vezes, o nome consigna realmente a existência do acidente assim identificado no lugar [...]. DICK, 1990a, p. 114)

Entretanto, como a própria autora alerta, algumas vezes não existe, na região, o acidente geográfico que teria motivado o nome. Nesse caso, o topônimo deixaria de ser “descritivo propriamente dito” e passaria a expressar apenas algumas características sugeridas pela forma linguística. Considerar, então, que os topônimos se deslocam e é possível pensar, ainda, que um referente pode receber um nome não pela presença do elemento geográfico ou porque ele tem características de um determinado elemento geográfico, mas porque o denominador trouxe consigo o nome de outra região.

¹² Informações retiradas de <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/lagamar/historico>. Acesso em: 03 jun. 2021.

¹³ Dick (1990a, p. 23) informa que o *corpus* utilizado por ela foi o *Índice dos topônimos contidos na carta do Brasil – 1:1.000.000* (IBGE). Não há indicação do ano, mas entende-se que o documento seja anterior a 1980, ano da defesa de sua tese de doutorado. O *corpus* inclui nomes de acidentes físicos e humanos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reitera-se que os nomes próprios de lugar, de modo geral, têm origem nos nomes comuns, e este estudo teve como objetivo geral analisar os designativos de municípios que se originaram de nomes comuns relativos a acidentes geográficos físicos e humanos.

Considerando que qualquer nome comum pode se tornar um topônimo, a primeira constatação foi que a frequência de termos geográficos genéricos em função toponímica (como nomes de municípios) é significativa, correspondendo a 14,5% (810 topônimos) do total desses 78,5% (636 topônimos) referem-se aos acidentes físicos e 21,5 % (174 topônimos) aos acidentes humanos. São os termos relativos a acidentes naturais os que mais se toponimizam, com destaque para *rio*, *campo*, *lagoa*, *barra*, *monte*, conforme exemplificado na análise dos dados. Isso acontece porque são essas as formas linguísticas que fazem referência a traços ambientais que mais têm importância e despertam a sensibilidade do homem, e passam a integrar o conjunto do que Dick (1990b, p. 64) chama de *vocábulos toponímicos básicos*. Convém registrar que a recorrência do genérico *rio* seria ainda mais expressiva se fossem considerados os topônimos de origem indígena, que não entraram na pesquisa por questão metodológica em relação ao recorte.

Ainda que com frequência menor, termos genéricos relativos a acidentes humanos ou construções antrópicas também se tornam topônimos, destacando-se *porto*, *vila*, *jardim*, *ponte*, *curral* e *capela*. Todos esses itens lexicais, assim como os relativos aos acidentes naturais, se referem a construções relevantes para as comunidades. Assim, por exemplo, o fato de os portos terem sido e serem importantes para a economia do Brasil – e interferirem na vida das pessoas de modo geral – faz com que a forma linguística que representa esse tipo de construção seja elevada à categoria de topônimo.

Tanto os genéricos de acidentes físicos quanto os de acidentes humanos se tornam topônimos de estrutura simples com ou sem acréscimos de desinências e sufixos e topônimos de estrutura composta, quando ao genérico toponimizado se juntaram qualificativos e/ou outros determinantes. Entende-se que os itens lexicais acrescidos aos nomes próprios oriundos de genéricos, além de tornar o topônimo mais específico ou traduzir melhor as impressões do denominador, evita a homonímia de topônimos, o que, aliás, estaria de acordo com a orientação da legislação referente ao assunto (Decreto-Lei Federal nº 5901, de 21 de outubro de 1943 no art. 7º).

A presença de determinados termos em algumas regiões de forma mais recorrente pode ser explicada, principalmente, pelo fato de que certos acidentes geográficos são mais característicos de uma região como é o caso das *chapadas* e dos *chapadões* no Centro-Oeste, dos *faxinais* no Sul; dos *igarapés* no Norte. Além disso, uma pequena corrente de água ou um pequeno rio pode ser chamado de *arroyo* no Sul e de *riacho* no Nordeste e essa variação linguística no léxico comum, naturalmente, também se reflete na toponímia.

A pesquisa teve a pretensão de ser mais uma contribuição para o conhecimento da motivação dos topônimos relativos aos municípios brasileiros, auxiliando, dessa forma, no desenvolvimento dos estudos toponímicos no Brasil. Poderá, posteriormente, ser ampliada com a análise, por exemplo, dos nomes de municípios de origem indígena como *Araranguá* (SC), *Baturité* (CE), *Iguaçu* (PR), *Itapipoca* (CE), *Nuporanga* (SP), *Tabapuã* (SP) em que os termos genéricos *baixada*, *serra*, *rio*, *pedra*, *campo*, *taba* encontram-se, respectivamente, aglutinados nos nomes.

REFERÊNCIAS

AULETE DIGITAL. Disponível em: <https://aulete.com.br/>. Vários acessos.

BACKHEUSER, E. Toponímia. Suas regras, sua evolução. *Revista Geográfica*, Rio de Janeiro, v. 9/10, n. 25, p. 163-195, 1952.

DAUZAT, A. *Les noms de lieux*. Origine et évolution. Librairie Delagrave, Paris, 1947.

HOUAISS, A; VILAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

DICK, M.V. do A. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1990a.

DICK, M. V. do A. *A Motivação toponímica e a realidade Brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990b.

GUÉRIOS, R. F. M. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 3.ed. São Paulo, Ed. Ave Maria, 1981.

GUERRA, A. T. *Novo dicionário geológico-geomorfológico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Cidades*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Vários acessos.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Glossário dos Termos Genéricos dos Nomes Geográficos Utilizados no Mapeamento Sistemático do Brasil*.v.2. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

TRAPERO, M. *Para una teoría lingüística de la toponimia* (estudios de toponimia canaria), Universidad de Las Palmas de Gran Canaria. Servicio de publicaciones. Las Palmas de Gran Canaria, 1995.



Recebido em 19/01/2022. Aceito em 05/07/2022.